

COMUNICAÇÃO

O GESTO POLIFÔNICO NA POÉTICA DE LUÍS SERGUILHA: VIAGEM- LINGUAGEM-VERTIGEM*

Beatriz Helena Ramos Amaral**

*O trabalho-remoinho da libélula é triangularmente
ensoberbecido ao desbocar a lancinante*

neblina das voltagens.

(Luís Serguilha)

A voz poética de Luís Serguilha entoa a procissão polifônica dos legítimos inventores e inaugura a feição ubíqua na multivoltagem da palavra. Fertilizado pelo tecido galáctico de signos múltiplos, o texto de cachos polissêmicos reata fluxos viscerais, lançando embarcações singulares em cromatismos que apontam deslimites e fragmentos de esferas. Vertigem de viagem. Vôo nos interstícios da linguagem.

Serguilha penetra nas instâncias recônditas da ante-memória, descerra sutilezas inauditas e vislumbra a redescoberta de sua própria constelação. Há uma sensualidade exuberante a jorrar de cada frase, des/envolta na espessura de um tear lúdico e lúcido como o plentempo das idéias.

De acordo com o ensinamento de Maiakovski, “o poeta é aquele que cria suas próprias regras” (SERGUILHA, 2007). A obra de Seguilha bem expressa e representa este sábio ensinamento. Em seu texto, frases e asas se acasalam, gerando hibridismos as/simétricos. Fogo e água fotografam vísceras como flores, e as algas são vetores de uma dança semântica de forças transmetafóricas em desmedido confronto. A força táctil de suas construções verbais ultrapassa o destino de pássaros e tribos, e alcança fractais de imagens, no plâncton inusitado onde se aloja e reverbera a essência da poesia contemporânea.

Desde as obras iniciais, *O Périplo do Cacho* (1998), *O Outro* (1999) e *Lorosa’e Boca de Sândalo* (2001), o poeta de Vila Nova Famalicão constrói um mapa transilábico em que as fronteiras se

* Recebido em 16.06.2015. Aprovado em: 05.08.2015.

** É Mestre em Literatura e Crítica Literária, poeta, autora de nove livros, entre os quais citam-se *Planagem* (1998), *Alquimir dos Círculos* (2003) e *Luas de Júpiter* (2007). Recebeu em Caserta, na Itália, o Prêmio Francesco de Michelle, em 2006.

fecundam, produzindo conexões/desconexões de intensidades m´obiles, cores novas, matrizes s´ignicas de assonˆancias, dissonˆancias e ressonˆancias estelares.

H´a um desfile de embarcações singulares: barcos, veleiros, escunas, jangadas e navios exploram ´guas de passagem, migram como signos de uma viagem poética continuamente reiniciada, a cada aurora de p´agina, a cada cintilˆancia que ilumina a palavra e a nutre.

Em *Lorosa’e Boca de Sˆandalo* (2001), j´a se pode detectar a forte presena da tactilidade: “Os dedos percorrem os intervalos das asas onde se refaz a irreverˆencia dos poros” (SERGUILHA, 2001, p.15).

Associada `a noˆao de metapoesia, escavando o corpo f´isico da palavra, o elemento t´actil tamb´em se traduz pela evidente sensualidade que aflora em todo o texto poético de Lu´is Serguilha:

Um abrao de peixes a sincronizar na ignorˆancia dos nervos como uma constelaˆo de vocabul´arios consagraˆo dos acordees vegetais na patada dos moluscos. Um abrao a marejar o holofote desconhecido no rasgˆo do mundo sibilando a apariˆo da f´abula gravata pardacenta do horizonte abandonadamente (SERGUILHA, 2001, p. 21).

Em alta voltagem, a carga semˆantica se expande, expulsando labaredas. Figuras, quimeras. Vulces e art´erias numa contradana de mestre, que potencializa brasas, mas permite a cada verbo o frescor da aragem. O poeta sulca sentidos sempre novos e jamais cede `as facilidades das convenˆes estéticas. Provoca o leitor, incita-o `a navegaˆo trans/circular que seu olho esculpe no horizonte.

A poesia que nasce desta linhagem atinge camadas de estranhamentos sucessivos, em que o eu-poético, repentinamente arrebatado pelo arrojo pessoano, remete `as foras da vontade vulcˆanica de ´lvaro de Campos, no inconformismo de quem “vai al´em” do prov´avel e estilhaa as pr´oprias ra´izes, em busca das profundezas do cosmo: “Quero arregaar os cometas adormecidos e toc´a-los com o sabor dos ferrolhos com a oscilaˆo dos res´iduos do incenso quero espicaar a calma que focinha nos fantasmas num sacrif´icio branco num mito varado pelas fibras do tambor porque os bailarinos rolam nos trapos espalhados e a m´usica derruba a boca trˆemula numa tela de cereais” (SERGUILHA, 2001, p.79).

A f´uria desta voz quase selvagem assume riscos de quem sabe desfiar as fibras da linguagem para reconstru´i-la em suas m´inimas part´iculas. Os ´tomos do texto reverberam, ´vidos, anseiam por ondulaˆes e fendas. Nˆo h´a porto para esta ˆncora poética senˆo a capacidade de reflorescer a cada minuto, “entre os vapores das habitaˆes”, como “gˆondolas da tarde” (p.99).

A liberdade, tˆao presente neste prel´udio poético, assume as r´edeas do processo e do projeto estético de Serguilha, erigindo o t´itulo de seu pr´oximo volume de poesia, *O Murm´urio Livre do P´assaro* (2003).

A vertente metalingu´istica se amplifica em raps´odias refinadas: “Aqueles olhos antecipam as ˆnforas quentes da linguagem Dissimulada para empurrarem fragilmente os incalcul´aveis barcos sobre as sombras fracturadas do mel´odico orvalho tamb´em poderiam ser os cantoneiros das met´aforas agachados na loucura venenosa dos espelhos...” (SERGUILHA, 2003, p.14)

Articulando seu pensamento/linguagem por vos críticos e desafiadores, o poeta português recusa com veemência a padronização esttica e neoconservadora, reconhecendo que a verdadeira invenção se faz com trabalho consciente e consistente, balizado pelo rigor, envolvendo a materialidade da linguagem, a fisicalidade do verbo.

Neste diapasão de luz e abertura, nasce *Embarcações* (2004), prefaciado por Ernesto de Mello e Castro. Neste novo livro, Serguilha permite-se o arrojo de miragens, construindo novos passos de dança. Transmutaes e deslocamentos se convertem, plenos e maduros, em belas fulgurações, como a que se transcreve a seguir:

O ritmo iminente da travessia j  um pncel do extenso vocábulo a redobrar o difcilmo perfil da madrugada rigorosamente debruada de flores instantáneas que alcanam meticulosamente os haveres alternativos das janelas reconciliadas parecem a alacridade das translaes no trono dos pássaros estranhamente ajustado ao dilvio casual das ciclnicas embocaduras (SERGUILHA, 2004, p.51).

Liberdade, (in)vento, voluptuosas migraes desabrochando cintilncias renovadas. Asas de viagem, olhos de vertigem, dedos hbeis para a aragem das frases. Eis os vetores ou forças propulsoras desta poética singular, reveladora de um percurso incomum.

A voz poética preenhe de polissemias sensrias e semânticas de Luís Serguilha, na estrutura rítmico-celular-circular atraiu a atenção e conquistou definitivamente a admiração de Ernesto de Mello e Castro, que também prefaciou seu livro seguinte, *A Singradura do Capinador*, publicado em 2005. Mello e Castro anota, com a argúcia habitual, que o texto poético de Serguilha “não tem começo”, “vem de aquém para além”, constituindo, em verdade, um contínuo fragmento que se repete diferenciadamente diferente, como um organismo celular imitando a vida orgânica.

Registre-se a parte inicial do fragmento XIX: “Numa ondulação melódica os minúsculos estandartes das estâncias trespagam as piruetas biográficas do cometa-mariposa como os arcos repentinos das metrópoles ilícitas...” (SERGUILHA, 2005, p.75).

Nesta confluência de re/descobertas sensrias e tácteis, brota a “*oblíqua chuva*” que resguarda e resgata o texto-veleiro. A palavra de Serguilha  de verbo-viagem, alicerça estrofes de estranhos precipícios, equilibrando-se na atmosfera dos enigmas. Suas cifras hipnotizam os leitores.

Poesia, aqui,  “ritual” que se constrói com “sílabas de miostis”. Na delicadeza do imprevisto, o imprevisto desliza pela página, entre pausas que articulam órbitas, metamorfoses. Sons provisórios paradoxalmente se eternizam. Uma palavra passa. Outra agora nasce. A seqüência de miragens refaz o texto nos espasmos caligrficos do dia.

Luís Serguilha potencializa ainda mais sua linguagem/vertigem, e, rompendo novos abismos, expressa a perfeita fluência do poeta mestre e inventor, em *HANGARES DO VENDAVAL* (2007). O texto de Serguilha se conjuga aos belos infopoemas de Ernesto de Mello e Castro. E a meta-vertigem-linguagem atinge o ápice na mescla entre a navegação e a singularidade do viajante: “A encadernação uníssona dos ancoradouros inextinguveis escapa-se  permanência vivssima das assinaturas” (SERGUILHA, 2007, p. 143).

No caleidoscópio de paisagens de Luís Serguilha, há uma expansão de constelaes sinestésicas, novos de figuras e vetores poéticos plurissignificantes. Os dezesseis hangares que compõem o livro constituem uma estrutura de estaes independentes, nas quais o texto poético de desenvolve ao modo espacial-mallarmaico, num fraseado de protuberâncias e luminescências, naufrágios e bifurcaes que instigam o leitor  viagem dos zigue-zaques e equivalências, *gritos azulinos* e conpiraes verbais.

Raízes, volúpias e fagulhas arenosas erigem um caminho que se enriquece a cada pausa. O fraseado poético contm a singularidade melopaica, em que os ritmos galopam nos entrecortes variados, nos choques dissonantes e nas cadências revividas em palavras/instâncias. Os dezesseis infopoemas de Mello e Castro dialogam intima e visceralmente com os hangares de Seguilha. A transimagtica de resinas e tatuagens congregam a mesma luz-matriz e exibem um universo de circuitos e curto-circuitos cinéticos. Pêndulos e pálpebras conduzem esta poética livre e aberta.

Como escreve o próprio Serguilha: “Os olhares-dicionários-de-turbinas zodiacais Correm na feitiçaria do vendaval construtor de tambores de estimao...” (HANGAR 9, p.74).

Uma arquitetura de fendas, labaredas e luares transcende os hangares, as páginas fervem e reverberam sobre o plâncton verbal do poeta, que congrega os sentidos do leitor, incitando-o a acompanhá-lo e com ele protagonizar de modo orgânico a aventura infinita de cogumelos dançantes e relógios estelares, pois canteiros, colunas, murais e oceanos se alternam na composio do mundo.

A voz metapoética desta rica polifonia se expressa em plenitude, chama que se manifesta na caligrafia:

E os ALFABETOS das lamas terrestres elevam uma fronteira de corvos transparentes até aos casulos da vigilância-das cataratas-urbanas para transmutar as placas dos mercadores nas incursões das asas das artilharias desdobradas na língua granítica da astronomia  o arrojo poliglota na cabeceira das margens a rebotar de lume ou os irreconhecíveis encontros das sílabas na frescura levitante das tâmaras (SERGUILHA, 2007, p.25).

Desdobram-se em camadas os as/simétricos jardins transverbais. Expande-se o retrato sem molduras da lagoa onde a voz sinaliza os tempos/compassos, entretempos, entretemas, contrapontos de um tear único, plrmo. A dico incomum do poeta tece a musicalidade de uma sinfonia apocaltica. Transemnticas ilhas se conectam pela regência de Serguilha. Artífice de ressonâncias, o poeta esculpe conchas com fragmentos de desejo, Seus hangares – como instâncias primevas – reportam ao movimento das luzes geradas pelo vento. Veleiros e lanternas avançam pela madrugada, num redesenho de naufrágios, entre resqcios de ancestralidade e meteoros do porvir.  nesta antitética morada que o texto se desenrola, nos fios da circularidade anagramtica, nas trilhas do poeta-viandante-construtor, com seus rastros de ouro e grafite, abrindo contextos inauditos.

A essência semântica do hangar, como unidade de construo do texto poético, torna-se um *locus* de vertiginosas experiências. Teoremas e levitaes se harmonizam em meio  *tapeçaria das*

barcaças. Há um *regaço de ramos silenciosos alcançando o veio duplo dos relógios-marítimos-carnudos*, e  preciso, na correnteza espasmódica: “Confidenciar a subtibilidade da aridez das gôndolas sucessoras da *granulação dos pirilampos*” (SERGUILHA, 2007, p.11).

Luís Serguilha conhece e domina as escalas modais, criomticas e diatônicas do pensamento poético que instaura, cnscio de “Os ritmos dos espelhos purificadores das invenções emudecem alucinadamente o coro do poleiro das candeias” (SERGUILHA, 2007, p.16)

Em cada sopro de invenção, em cada fibra do complexo tecido poético de Hangares do Vendaval,  possível reencontrar as várias fases da criação/construção de Serguilha e reconhecer o retrato de seu processo. O preparo da argila, a mensuração das faíscas, o experimento das erosões e a alucinação trazida pelos indomáveis vendavais. Em seu ateliê de mestre, redescobre pontos de luz, como as *laranjas-lâmpadas* que bem sintetizam o todo-lodo-orgânico-físico-luminoso de sua expressão esttica.

Delineada pelo incessante vo, a polifônica poética de Luiz Serguilha desconhece o repouso. As palavras habitam as trilhas da pluralidade, reabrem rotas de transmigração e alcançam reverberações cósmicas. Os poemas abraçam o estado em que a instabilidade rege os paradoxos-relâmpagos, na incandescência de um novo-sempre-novo alfabeto de luzes.

Referências

SERGUILHA, Luís. *As Processionrias*. São Paulo: Demnio Negro, 2008)

_____. *Hangares do Vendaval*. vora: Intensidez, 2007.

_____. *A Singradura do Capinador*. Lisboa: Indícios de Ouro, 2005.

_____. *Embarcações*. Vila Nova de Gaia: Ausncia, 2004.

_____. *O Murmrio Livre do Pssaro*. Vila Nova de Gaia: Ausncia, 2003.

_____. *O Externo Tatuado da Viso*. Vila Nova de Gaia: Ausncia, 2002.

_____. *Lorosa’e Boca de Sndalo*. Porto: Campo das Letras, 2001.

_____. *O Outro*. Braga: Correio do Minho, 1999.

_____. *O Priplo do Cacho*. Braga: Correio do Minho, 1998.